

ERMOLAI E A MULHER DO MOLEIRO

De noite, eu e o caçador Ermolai fomos à caça da galinhola... Mas talvez nem todos os meus leitores saibam como é a caça à galinhola. Então, meus senhores, oiçam.

Na Primavera, um quarto de hora antes do pôr-do-sol, entramos na floresta com a espingarda mas sem o cão. Encontramos um abrigo algures perto da orla da floresta, examinamos o lugar, verificamos a cápsula, piscamos o olho ao nosso companheiro. Passa um quarto de hora. O Sol pôs-se, mas na floresta ainda há luz; o ar está puro e transparente; os pássaros tagarelam; as ervas jovens luzem com um alegre brilho esmeraldino; ficamos à espera. O fundo da floresta está a escurecer pouco a pouco; a luz vermelha do ocaso sobe lentamente pelos troncos e pelas raízes das árvores, cada vez mais alto, passando dos ramos inferiores, ainda quase nus, até às copas imóveis, ensonadas... Já as copas se embaciaram; o céu corado tinge-se de azul. O cheiro florestal torna-se mais forte, soprou ligeiramente a tépida humidade; o vento irrompe e afrouxa ao pé de nós. Os pássaros adormecem — mas não todos de uma vez: calam-se os tentilhões, passados alguns instantes os piscos-de-peito-ruivo, a seguir as escrevedeiras. Na floresta, a escuridão adensa-se. As árvores fundem-se, formando umas grandes manchas negras; no céu azul despontam, tímidas, as primeiras estrelas. Os pássaros dormem. Apenas os rabirruivos e os pequenos pica-paus assobiam, sonolentos... Por fim, também eles se calam. Voltou a tilintar, por cima da nossa cabeça, a voz sonora da felosa; o eivão soltou algures um grito tristonho, o rouxinol matraqueou pela primeira vez. O nosso coração esmorece na espera — aliás, só os caçadores são capazes de compreender-me; de repente, no meio do silêncio profundo, soam um grasnido e um chiar muito especiais, depois um cadenciado bater de asas ágeis — e a galinhola, inclinando graciosamente o seu bico longo, sai voando de trás de uma bétula escura, ao encontro do tiro.

É assim a caça à galinhola.

Portanto, eu e Ermolai fomos à caça à galinhola; mas desculpem, meus senhores: antes de mais, tenho de vos apresentar o Ermolai.

Imaginem um homem dos seus quarenta e cinco anos, alto, magro, com nariz longo e fino, fronte estreita, olhinhos cinzentos, cabelo eriçado e a boca larga e irónica. No Inverno e no Verão, este homem usava o mesmo cafetã de nanquim amarelado de corte alemão, mas cingia-se com um cinto de pano; andava de calças azuis e com um gorro de pele de cordeiro, que lhe oferecera, numa hora de festa, um proprietário rural arruinado. Prendia ao cinto dois sacos: um, habilmente torcido para formar duas metades, à frente, para guardar a pólvora e a escumilha; outro saco, por trás — para os troféus; quanto às buchas, Ermolai tirava-as do seu gorro, pelos vistos inesgotável. Com o dinheiro ganho com a caça vendida, não lhe custava nada comprar uma cartucheira e uma bolsa de caçador, mas ele nem uma vez tinha pensado em semelhante compra e continuava a carregar a sua espingarda da mesma maneira, espantando os espectadores pela arte com que conseguia evitar a queda da escumilha e da pólvora, e nunca as misturava. A sua espingarda era de um cano, com pederneira e o mau hábito de recuar cruelmente, pelo que a bochecha direita de Ermolai era sempre mais roliça do que a esquerda. Como ele conseguia acertar no alvo com esta espingarda seria incompreensível mesmo para a pessoa mais esperta, mas de facto acertava. Tinha também um cão, o perdigueiro chamado *Valetka*, uma criatura invulgar. Ermolai nunca lhe dava de comer. «Só me faltava essa, dar comida ao cão — raciocinava ele —, além do mais, o cão é um bicho esperto, encontra o alimento sozinho.» Realmente, embora o *Valetka* impressionasse pela sua extrema magreza mesmo o transeunte mais indiferente, sobrevivia e viveu muito; e, apesar da sua desastrosa situação, nunca tinha fugido nem revelado a intenção de abandonar o seu dono. Só uma vez, nos seus verdes anos, atraído pelo amor, desapareceu por dois dias; mas rapidamente perdeu essas manias. A mais notável peculiaridade de *Valetka* era a sua inconcebível indiferença por tudo... Se não se tratasse de um cão, eu teria utilizado a palavra «desilusão». Costumava ficar sentado sobre o seu rabo curto, com o focinho carrancudo, estremecendo de vez em quando e sem sorrir, isso nunca. (É sabido que os cães têm a capacidade de sorrir, e de maneira muito simpática.) Era extremamente feioso, e nenhum servo doméstico folgado perdia a oportunidade de gozar causticamente com o seu aspecto físico; porém, o *Valetka* suportava todos esses escárnios e até as pancadas com um surpreendente sangue-frio. Sobretudo, dava prazer aos cozinheiros que deixavam de trabalhar e se lançavam em sua perseguição, com ber-

ros e pragas, quando o *Valetka*, devido à fraqueza própria não só dos cães, metia o seu focinho faminto pela porta semiaberta da cozinha donde emanavam o calorzinho e os cheiros tentadores. Na caça, destacava-se por ser incansável e por ter um bom faro; porém, se lhe acontecia apanhar uma lebre ferida, comia-a inteira, até ao último ossinho, deliciando-se algures à sombra fresca de um arbusto verde, a uma prudente distância de Ermolai que, nesse momento, ficava a praguejar em todos os dialectos conhecidos e desconhecidos.

Ermolai era servo de um dos meus vizinhos, proprietário rural à moda antiga. Os proprietários à moda antiga não gostam de «galinholas», preferindo aves domésticas. A não ser que nalgumas ocasiões especiais, ou seja, nos aniversários, dias dos santos e das eleições, os cozinheiros desses senhores resolvam cozinhar as aves bicudas e, levados pelo entusiasmo próprio do homem russo, quando deixa de se dar conta do que está a fazer, inventem para elas condimentos tão sofisticados que os convidados olham com atenção e curiosidade para as iguarias servidas, sem ousarem prová-las. Ermolai recebeu a ordem de fornecer à cozinha senhorial, uma vez por mês, dois pares de tetrazes e perdizes; de resto, deixavam-no viver onde e como quisesse. Desistiram dele, considerando-o imprestável para qualquer trabalho. É óbvio que não lhe davam pólvora nem escumilha, seguindo as mesmas regras por força das quais ele próprio não alimentava o seu cão. Ermolai era um homem muito esquisito: despreocupado como um passarinho, bastante loquaz, de aparência distraída e desajeitada; gostava muito de beber, não se adaptava a sítio nenhum, arrastava os pés a andar e bamboleava-se — e deste jeito, arrastando os pés e bamboleando-se, era capaz de fazer cinquenta verstás por dia. Tinha sido sujeito às mais variadas aventuras: pernoitava nos pântanos, em cima das árvores e dos telhados, debaixo das pontes, por mais de uma vez ficou fechado em sótãos, em caves e barracões, perdeu a espingarda, o cão, a roupa mais indispensável, foi espancado implacável e demoradamente — mas, mesmo assim, algum tempo depois voltava para casa, vestido, com a espingarda e com o cão. Não é certo dizer-se que era um homem divertido, embora quase sempre estivesse bastante bem-humorado; em geral, parecia muito esquisito. Ermolai gostava de conversar com uma boa pessoa, sobretudo se bebessem, mas não se demorava muito nisso: levantava-se e ia embora. «Onde achas que vais, seu diabo? Já é noite.» — «Vou a Tcháplino.» — «Porque precisas agora de Tcháplino, são dez verstás de caminho!» — «Vou dormir em casa do mujique Sofron.» — «Podes dormir aqui.» — «Não, não pode ser.» E lá vai ele com o seu *Valetka* pela noite escura, através dos arbustos e dos fossos cheios de água,

mas o mujique Sofron, afinal, não o deixa entrar, ou pior, dá-lhe uma sova: não incomodes as pessoas de bem! Em compensação, ninguém se igualava a Ermolai na arte de pescar durante as cheias primaveris do rio, de tirar os lagostins à mão, de encontrar a caça por instinto, de atrair as codornizes, de adestrar os gaviões, de apanhar os rouxinóis de canto flautado e trinado... Apenas não sabia fazer uma coisa: treinar os cães — faltava-lhe paciência. Por acaso, tinha mulher. Visitava-a uma vez por semana. A mulher habitava uma horrenda isbá quase ruída, sobrevivía comendo não se sabia o quê, nunca tinha certeza de que no dia seguinte tivesse pão e, em termos gerais, vivia numa desgraça completa. Ermolai, embora fosse homem despreocupado e benevolente, tratava-a com crueldade e grosseria, em casa tomava um ar severo e ameaçador — e a sua pobre mulher tentava com todas as forças agradecer-lhe, tremia sob o seu olhar, comprava-lhe vodca com os últimos tostões e cobria-o servilmente com o casaco dela quando o homem, estirado majestosamente no catre em cima do fogão, adormecia como uma pedra. Calhou, por várias vezes, que eu próprio reparasse nalgumas manifestações espontâneas da sua ferocidade soturna: não gostava da expressão da sua cara quando cortava com os dentes o pescoço de uma ave ferida. No entanto, Ermolai nunca ficou em casa mais de um dia; nos lugares alheios, transformava-se de novo no mísero «Ermolka», como era tratado a cem verstás à volta e como, por vezes, se referia a si próprio. O mais humilde criado dos senhores sentia a sua superioridade em relação a este vagabundo e, talvez, precisamente por isso o tratava amigavelmente; quanto aos mujiques, costumavam primeiro persegui-lo e caçá-lo com prazer, como uma lebre no campo, mas depois deixavam-no ir com Deus e, quando já conheciam este esquisitão, não o ofendiam, até lhe davam pão e metiam conversa com ele... Foi este o homem de quem fiz meu ajudante na caça, e foi com ele que empreendi a caça à galinhola numa grande floresta de bétulas, na margem do rio Ista.

Muitos rios russos, à semelhança do Volga, têm uma margem alta e outra plana, de prados; o Ista também é assim. Este pequeno rio corre de modo muito caprichoso, serpenteia como uma cobra, não tem sequer meia verstá em que corra a direito, e há lugares onde, do alto de uma colina abrupta, se podem ver pelo menos dez verstás deste rio, com todos os seus açudes, represas, moinhos e hortas rodeadas de salgueiros e frondosos jardins. No Ista há muito peixe, sobretudo rabascos (nos dias de calor, os mujiques tiram-nos à mão de baixo dos arbustos). Os pequenos borrelhos voam, silvando, de um lado para o outro das margens pedregosas, cheias de nascentes frias e claras; os patos-bravos nadam para o cen-

tro das represas e olham em volta com cuidado; as garças ficam espedadas à sombra, nas enseadas, debaixo das escarpas... Ficámos no abrigo cerca de uma hora, matámos quatro galinhas e, desejando tentar a nossa sorte antes de o Sol nascer (a caça às galinhas também é possível de manhã), decidimos passar a noite no moinho mais próximo. Saímos da floresta e descemos a colina. O rio fazia rolar ondas azul-escuras; o ar adensava-se, impregnado da humidade nocturna. Batemos ao portão. No quintal, ladraram os cães. «Quem é?» — ouviu-se uma voz rouca e sonolenta. «Somos caçadores; deixa-nos pernoitar.» Não houve resposta. «Pagamos a pernoita.» — «Vou dizer ao patrão... Chiu, malditos!... Raios vos partam!» Ouvimos como o moço entrou na isbá; não tardou a voltar. «Não, o patrão não deixa.» — «Porque não deixa?» — «Tem medo; sois caçadores; sois capazes de incendiar o moinho, Deus nos livre: com as vossas munições...» — «O que estás para aí a disparatar?» — «Já no ano passado o moinho ardeu: dormiram aqui uns comerciantes de gado, então foram eles que o incendiaram.» — «Mas, meu amigo, não podemos dormir na rua!» — «É convosco, eu não sei...» Foi-se embora, batendo com as botas.

Ermolai desejou-lhe toda a espécie de contrariedades. «Vamos à aldeia» — acabou por dizer, com um suspiro. Mas eram duas verstás até à aldeia... «Vamos dormir aqui, no quintal — respondi-lhe. — A noite está quentinha; pagamos, e o moleiro manda-nos palha.» Ermolai concordou sem discutir. Voltámos a bater à porta. «Mas o que quereis mais? — respondeu a voz do moço. — Já vos disse que não.» Explicámos-lhe o que queríamos. Foi aconselhar-se com o patrão e voltou com ele. A cancela rangeu. Apareceu o moleiro, homem corpulento, de cara gorda, nuca de touro e uma grande barriga redonda. Aceitou a minha proposta. A cem passos do moinho havia um pequeno alpendre, aberto de todos os lados. Levaram para lá palha e feno; o moço pôs o samovar sobre a relva junto ao rio e, agachado, começou a soprar no cano, avivando as brasas... As brasas acendiam-se e alumiam a sua cara jovem. O moleiro correu a acordar a mulher e, afinal, convidou-me para dormir na isbá; eu, porém, preferi ficar ao ar livre. A mulher do moleiro trouxe-nos leite, ovos, batatas e pão. O samovar não tardou a ferver, e começámos a tomar chá. Sobre o rio elevavam-se vapores, não havia vento; a toda a volta gritavam os codornizes; ao lado das rodas do moinho ouviam-se sons fracos: eram as gotas que caíam das pás e a água que ressumava através das comportas da barragem. Acendemos uma pequena fogueira. Enquanto Ermolai assava batatas sob as cinzas, adormeci... Acordou-me um sussurro leve, cuidadoso. Levantei a cabeça: junto à fogueira, sobre